

ANPUH

*Entre o dito e o não dito: memórias de uma imigrante portuguesa no Brasil<sup>1</sup>*

Lená Medeiros de Menezes\*

## REFLEXÕES SOBRE O OBJETO

A personagem central dessa comunicação é uma imigrante portuguesa a quem simplesmente chamaremos de Aurora; uma dentre muitas Auroras e Marias que partiram de Portugal em direção ao Brasil, tecendo em solo estrangeiro novos caminhos. Os silêncios e lacunas de seu depoimento – fonte deste trabalho – são caso emblemático do caráter seletivo do dizer e de itinerários percorridos nos bastidores dos processos migratórios.

Tendo em vista que o consentimento dado pela depoente para o uso da entrevista, incluindo a divulgação de seu nome, não explicitava objetivamente alguns dos usos e análises que aqui fazemos, optamos por preservar seu anonimato, deixando de mencionar dados de identificação como nome e endereço.

Marcado por lacunas temporais na narrativa, o depoimento de Aurora<sup>2</sup> apresenta-se como caso exemplar de memórias a serem esquecidas, mas que, como feridas, resistem a desaparecer, deixando, aqui e ali indícios das razões do dizer e do não-dizer. Dentre todas as lacunas presentes em seu depoimento, uma em especial é emblemática: o hiato que separa o momento da chegada ao Brasil e o casamento de Aurora, denunciando, no subtexto, a presença de um itinerário negado e, conseqüentemente, destinado ao silêncio.

Bem sabemos dos limites que afetam análises que, para além do narrado, baseia-se nas entrelinhas, nas lacunas e nas formas de dizer, por mais que a história oral tenha se colocado como possibilidade para a descrição de cenografias (termo da análise do discurso) mais amplas e completas, onde o individual ilumina o coletivo ou, neste caso, é

---

<sup>1</sup> Com outro título e algumas diferenças, este artigo foi apresentado no Terceiro Congresso do AREIAS, realizado em Ventimiglia (Itália), de 23 a 25 de abril de 2015 e sua publicação será em língua italiana. O trabalho faz parte de pesquisa desenvolvida com bolsa Prociência/UERJ e taxas de bancada do Programa Cientista do Nosso Estado da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

\* Professora Titular de História Contemporânea da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Pesquisadora do Laboratório de Estudos de Imigração (LABIMI-UERJ); Autora de livros e artigos sobre processos migratórios nos séculos XIX, XX e XXI, processos revolucionários e movimentos sociais, imigração e criminalidade, prostituição e tráfico de mulheres.

<sup>2</sup> Entrevista realizada em 02 de agosto de 2012, com a colaboração da bolsista Marina Sanches Barbosa.

por este iluminado. No caso de itinerários marginais, destinados ao silêncio, os depoimentos cautelosos e extremamente seletivos colocam-se como exercício desafiador tanto para o pesquisador quanto para o entrevistado.

É importante dizer que o depoimento de Aurora não pode ter sido gravado, pois não obtivemos a permissão necessária. Dessa forma, ele foi transcrito, com o cuidado da pesquisadora em registrar, da forma a mais fiel possível, a narrativa, com anotações, à margem, do comportamento da entrevistada, suas formas de expressão, gestos e olhares; o que não foi difícil pela fala econômica e pausada de Aurora. Na relação entre o que era narrado e as atitudes no dizer, ela construiu uma narrativa interrompida, cujo intertexto implicava a consideração de sua timidez, olhar opaco que mirava o chão ou um horizonte perdido, indecisões na fala e cortes pontuais, concernentes a determinados períodos de sua vida, com destaque para aquele que se estendeu de sua chegada ao porto do Rio de Janeiro e seu casamento.

Quando trabalhamos com processos migratórios, é necessário sempre lembrar que não existe o(a) imigrante, mas imigrantes, da mesma forma em que foram diferenciadas suas possibilidades de trabalho e vida. Se muitos imigrantes obtiveram efetivo sucesso e ascensão social na terra de acolhida, outros foram tragados pelos bastidores urbanos, amargando experiências nunca antes sonhadas e mergulhando em um conveniente anonimato. Segundo os indícios<sup>3</sup> presentes na narrativa de Aurora, ela se encaixa nessa segunda possibilidade.

É necessário dizer que não foi fácil obter a disponibilidade de Aurora para a concessão da entrevista. Isto só foi possível através de uma rede de amizades, que passou pela mãe de uma de nossas bolsistas, moradora do mesmo bairro. A dificuldade inicial, o local de moradia e às características do estabelecimento da depoente foram o primeiro registro de que estávamos diante de um caso diferente ou, no mínimo, interessante: o de uma imigrante que não se ajustava ao protótipo da portuguesa sorridente, falante e orgulhosa de sua trajetória, sempre pronta a narrar, com detalhes, sua aventura migratória e as formas pelas quais, através do trabalho, participou da sobrevivência de filhos e netos (MENEZES, 2010).

Longe de representar o protótipo da proprietária de estabelecimento condizente com as características do pequeno comércio português no Rio de Janeiro, Aurora possuía

---

<sup>3</sup> O método indiciário norteou este trabalho, referenciado na obra de Ginsburg (2010).

apenas um minúsculo negócio, que se aproximava, por suas características, das estratégias comerciais adotadas por brasileiros pobres residentes em bairros e comunidades de periferia, conhecidos, na linguagem popular, como “birosca”. Ou seja, Aurora exercia seu comércio em uma única porta de um cômodo anexo à casa, dotado de balcão encimado por toldo, onde vendia doces à garotada das redondezas. Era dessa forma, guardados os devidos distanciamentos e segundo suas parcas finanças, que ela tornava realidade o sonho do negócio próprio no Brasil, tão presente nos desejos e projetos do imigrante português que buscava o espaço urbano.

Durante toda a entrevista Aurora mostrou-se tímida e de poucas palavras, restringindo-se a responder economicamente ao que lhe era perguntado, tendo em vista que a narrativa pouco fluía, deixando visível que ela não queria se expor para além dos limites que, de forma consciente ou não, previamente traçara. Através de uma postura comedida, ela dava a entender, a cada momento, que fatos ocorridos antes de seu casamento – transformado em fato fundante de sua vida no Brasil – não tinham qualquer importância.

## **QUEM ERA AURORA**

Aurora não sabia ao certo em que ano tinha nascido, nem tampouco qual era o nome de sua aldeia natal, situada, segundo ela, em “algum lugar do Porto”. No momento da entrevista disse acreditar ter 75 anos de idade, pois lembrava que tinha 18 anos quando, absolutamente sozinha, embarcou no Porto com destino ao Brasil, aonde chegou no mesmo ano do embarque: 1955.

Analfabeta, ela só sabia assinar o nome e manifestava grande tristeza por essa condição, até mesmo indignação por não ter tido a oportunidade de aprender a ler e escrever. No mais, era uma portuguesa típica de aldeia em sua forma de trajar: vestido florido, meias e chinelos. Diferenciava-se de tantas outras conterrâneas, porém, pela timidez e pelo olhar sempre triste.

Aurora não conheceu seus pais, sendo criada por uma madrinha. Quando completou 18 anos, a referida madrinha, segundo suas palavras, “não quis mais saber [dela]”. Sem opções, ela aceitou a passagem oferecida por duas irmãs que já estavam no Brasil e partiu de seu pequeno mundo para enfrentar o oceano e o desconhecido. Sobre o Brasil, “não sabia nada”, sendo aquela a primeira e derradeira vez em que saiu da terra onde tinha nascido.

Com relação às irmãs que compraram e lhe enviaram a passagem, a presença de ambas na narrativa foi fugaz, restringindo-se à menção à compra da passagem. É digno de destaque, também, o fato delas não terem ido ao seu encontro no momento de seu desembarque, o que a obrigou, segundo suas palavras, a “viver a vida”.

Sobre a terra natal, Aurora disse não se lembrar de nada, acrescentando que também “não [tinha] saudade de nada”, pois não tinha deixado “nada nem ninguém lá [Portugal]”. A repetição da palavra “nada”, enquanto “palavra de força” no discurso, reforçava, de modo objetivo, a própria negação sobre seu passado. Indagada sobre seus sonhos e planos ao partir, disse que não tinha nenhum plano de futuro quando deixou Portugal, mas, em nenhum momento, pensou em voltar. Sua partida, considerada sua fala, havia significado, efetivamente, um corte com os primeiros 18 anos de sua vida.

Com relação às formas pelas quais, sozinha ela sobreviveu no Rio de Janeiro, a depoente narrou que, assim que chegou à cidade, foi trabalhar em uma pensão situada no centro da cidade, para onde foi encaminhada após o desembarque, parando de trabalhar quando casou com um brasileiro e foi morar em uma das “cidades-dormitório” localizada nas cercanias da rodovia que liga o Rio a São Paulo.

Com os filhos crescidos, voltou a trabalhar na cantina de uma escola próxima a sua casa. Foi a partir de então que, possivelmente, passou a conhecer o potencial da venda de doces. Quando ficou viúva, tornou-se comerciante, abrindo uma pequena lojinha que, segundo ela, “foi construindo aos poucos”, com uma pequena poupança mensal. Nesse momento, já vivia no Brasil há 35 anos, contando, portanto, cerca de 53 anos de idade. Como não sabia ler nem escrever, um dos filhos era o responsável pelas contas do estabelecimento.

O ponto mais emblemático do relato de Aurora - que consideramos verdadeira ponte entre o “dito” e o “não dito” - foi um fato pontual ocorrido a bordo do navio. Tal qual um inesperado ruído lançado sobre um mar de silêncio, o fato remetia a uma dramática narrativa, que envolvia mulheres jovens e sós, em terra e no mar. Segundo o relatado, a viagem transcorreu sem problemas, graças, em grande parte à ajuda prestada por uma mulher que Aurora conheceu no navio, cujo nome não foi revelado. Foi essa mulher que lhe pagou as refeições e cuidou dela durante a viagem, provendo suas necessidades. Foi ela, também, que assistiu a jovem no momento do desembarque, auxiliando-a com a papelada. Findo o desembarque e verificando que ninguém esperava

por Aurora, a mesma mulher responsabilizou-se pelo encaminhamento da jovem a uma pensão situada no centro da cidade, onde ela passou a morar e a trabalhar. Foi nessa pensão que ela veio a conhecer o brasileiro que se tornaria seu marido, tendo início, então, segundo ela, sua vida no Brasil.

## **SOBRE OS PERIGOS DA TRAVESSIA**

A interveniência da mulher do navio na vida de Aurora teve, possivelmente, significado muito maior do que simplesmente o de uma companheira de viagem, caso consideremos sua participação à luz dos processos que envolviam a travessia oceânica. O perigo e as estratégias de aliciamento de mulheres por parte de agentes internacionais do tráfico (vd. MENEZES, 1992 e 1996) voltado para fins de prostituição, constantes do discurso policial e das disposições legais que buscavam coibir o caftismo, era um fato real, que era considerado como perigo sempre presente nas preocupações de maridos quando mandavam buscar esposas e filhas na Europa. Essas preocupações envolviam tanto a segurança na compra de passagens quanto no decurso da travessia.

Nos trabalhos que vem sendo desenvolvidos por Aurora Izilda de Matos sobre a literatura epistolar, a autora vem dando destaque às cartas de chamada, dando relevo às recomendações sobre a viagem nelas inseridas. No trabalho apresentado no IX Seminário sobre Emigração portuguesa para o Brasil, realizado em novembro de 2013 e no prelo para publicação, constam, por exemplo, cartas, recolhidas em fontes diversas,<sup>4</sup> as recomendações que se seguem:

Quando comprarem os bilhetes de mar não se fiem em lerias [falações] dos outros vão a Coimbra no Antonio Fernandez...

... eu lhe remeto o dinheiro para as duas passagens, e mais despesas, é preciso tirar os passaporte aí e apresentar-se em Lisboa no governo civil que é para poder tirar as passagens e vir para aqui, é necessário ter muito cuidado com as compras das passagens com os corretos costumam roubar de que não conhecem...

No vapor porta-te bem, sempre séria com toda a gente. Quando eu vim, vim com a cabeça perdida com umas mulheres ...

Não venhas como a ovelha sem pastor. Fala com o filho do Meco das Porreiras, que eu já lhe escrevi, pedindo-lhe para tu vires na companhia dele e da senhora

---

<sup>4</sup> Contam-se Cartas depositadas no Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP) - Fundo Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo e em processos de passaporte citados por Rodrigues, disponíveis em meio eletrônico ([http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernos\\_historia/article/view/2013](http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernos_historia/article/view/2013)).

dele, porque ele parece que deve vir logo e eu faço gosto que tu venhas com ele (cit. MATOS, 2014: 9-24)<sup>5</sup>

Viajar como “ovelha sem pastor”, como o fez Aurora, era situação potencialmente perigosa a ser evitada. A jovem Aurora, entretanto, sem orientações, desconhecia os perigos que rondavam as mulheres sós, principalmente as mais jovens. Inexperiente e desinformada, ela tornou-se alvo fácil de manobras de aproximação feitas por especialistas na arte de tecer malhas de cooptação e aprisionamento. É importante lembrar que aliciadores do tráfico, muitas vezes, eram mulheres que passavam por tias em companhia de sobrinhas e afilhadas; estratégia de evitar suspeitas. Nesse caso, cabe perguntar: No caso da mulher que se acercou de Aurora ela era apenas uma mulher bondosa? É possível, mas improvável, tendo em vista indícios presentes na narrativa da depoente relativa ao desembarque.

O verdadeiro flagelo em que se constituía o tráfico, reativado com o fim da guerra, bem como os perigos existentes com relação aos navios de emigrantes, explica, por exemplo, o artigo 7<sup>a</sup> da Convenção Internacional para a supressão do tráfico de mulheres e crianças, assinada em Genebra em 30 de setembro de 1921 e reproduzida em disposições posteriores:

As partes contratantes, no que concerne aos serviços de imigração e de emigração, concordam em tomar as medidas administrativas e legislativas destinadas a combater o tráfico de mulheres e de crianças. Elas concordam, principalmente, em estabelecer os regulamentos necessários para a proteção de mulheres e crianças que viagem a bordo de navios de emigrantes, não somente na partida ou na chegada, mas também durante a viagem, e em adotar mecanismos de divulgação, nas estações de trem e portos, que garantam proteção às mulheres e crianças contra os perigos do tráfico, indicando os lugares onde elas podem encontrar abrigo, ajuda e assistência.

Esses mecanismos de proteção e de divulgação, caso estivessem efetivamente disponíveis, certamente não atingiam muitas mulheres – dentre elas Aurora – devido, dentre outros fatores, à inexperiência com relação a viagens internacionais e, principalmente, ao analfabetismo.

## **REFLEXÕES SOBRE OS SILÊNCIOS DE AURORA**

Se a menção à “mulher do navio” é explícita na narrativa, várias lacunas pontuam o relato de Aurora. Associadas a indícios discursivos e comportamentais, esses indícios

---

<sup>5</sup> Todos os textos de época tiveram ortografia atualizada.

direcionaram o olhar da pesquisadora na direção de itinerários cumpridos em uma cenografia de bastidores, onde o tráfico de mulheres tinha papel de relevo. Senão vejamos:

- a) Ausência de informações sobre as irmãs e as atividades que elas desenvolviam no Brasil, sendo elas citadas apenas na menção à compra da passagem. A fala de Aurora de que teve de viver sua vida indica que os laços mantiveram-se cortados;
- b) Falta de detalhes sobre a mulher que dela se acercou na travessia oceânica e que a acompanhou e auxiliou na viagem e no desembarque. Mulher sem nome ou outra identidade, ela se manteve acobertada pelo silêncio da depoente.
- c) Ausência de indicações sobre o trabalho exercido na pensão para a qual Aurora foi conduzida, a não ser sua localização: rua do Riachuelo, situada em conhecida área de prostituição, com inúmeras pensões e hotéis de “má fama”;
- d) Importante sempre reforçada ao seu casamento, transformado em verdadeiro fato fundante de sua vida no Brasil, com a negação consequente de todo o passado que o antecede.

Como trabalhamos apenas com indícios existentes no depoimento, sem cruzamento com outros tipos de fontes, não podemos afirmar – ainda que os indícios sejam muitos – que Aurora foi, efetivamente, uma vítima do tráfico internacional, menos ainda que seu trabalho na pensão da rua do Riachuelo tivesse a ver com o universo da prostituição. Perguntas mais incisivas, que talvez tivessem possibilitado maiores comprovações da hipótese aqui levantada, deixaram de ser feitas no momento da entrevista pela total falta de possibilidades para isto. Insistir em perguntas impertinentes, naquele momento, significaria total desrespeito ao direito ao silêncio e a escolha das memórias a serem contempladas e, possivelmente, ao término da entrevista. Por outro lado, teríamos tentado um novo encontro se um fato irreversível não tivesse ocorrido: a morte da depoente, o que impossibilitou, inclusive, contato com seus descendentes que se mudaram do local.

Por tudo aquilo que aqui foi apresentado, esta comunicação ganha a dimensão de uma homenagem, não somente a Aurora, digna de todo o nosso respeito, mas a tantas



outras mulheres que, no silêncio e no anonimato, descreveram trajetórias sofridas em sua aventura migratória.

### Referências

GINSBURG, Carlo. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MATOS, Maria Izilda de. “Podes vir que aqui estou a tua espera”: A viagem e a mala do e/imigrante na literatura epistolar. Portugueses em São Paulo (1890 e 1930)”. In: MENEZES, Lená M. de e SOUSA, Fernando de. *Anais do IX Seminário Internacional sobre Emigração portuguesa para o Brasil*. Rio de Janeiro: LABIMI/UERJ, 2014, p. 9-24. CD-ROM

Convenção Internacional para a supressão do tráfico de mulheres e crianças. Genebra, 30 de setembro de 1921. Disponível em meio eletrônico em <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/mulher/mulher5.htm>. Consulta realizada em fevereiro de 2015.

MENEZES, Lená Medeiros de. “Imigração e Comércio: silêncios sobre a mulher”. In: Maria de Nazaré Sarges, Fernando de Sousa e Maria Izilda de matos (org.). *Entre-Mares – O Brasil dos Portugueses*. Belém-Pará:Paka-Tatu, 2010, pp. 186-194.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Os Indesejáveis. Desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1992 (Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa, 2).